

A DÍVIDA DA DÚVIDA

Edy das Graças Braun*

A espontânea reação poética ao pensamento de Descartes se deve à percepção da razão como a um estágio da própria sofisticação do pensar humano, e não como *à natureza*, mas a uma das suas possibilidades de auto organização e iniciativa.

Duvido,

*oh Descartes,
que o teu homem,
ASSIM TÃO VOLUNTARIOSO,
fosse mais livre
que o meu!*

*Tu o prendes;
já nas artimanhas
do ser,
que, pensante,
não se firma,
não se faz,
não se deixa
estar...*

Duvido

*oh Descartes,
que o teu modelo,
assim tão moderável,
fosse mais senhor
do que o meu!*

* Poeta, Artista Plástica – *Tayaa* – e docente da UNIPAR – campus de Toledo.

*Tu o envolves,
já nas raízes
do entendimento,
que, concebendo,
se faz finito,
se faz dependente,
se faz semelhante...*

Duvido

*e, ainda que duvide,
vejo assim
o teu jeito de crer,
na dúvida
Divides comigo,
o engano e não o acerto,
o anseio e não a virtude,
o sonho e não o real.*

*E assim
eu duvido
não da causa,
mas do efeito*

*Esse homem,
meu senhor,
não é afeito,
a estar sendo
ao mesmo tempo
causa e efeito!*

Duvido

*que este teu homem
fosse do meu
mais perfeito...*

*porque não dou
tão resumida
sensibilidade
e amo meu homem
prazerosamente
e crê meu homem
despreocupadamente
e duvida meu homem
de si e de si somente...*

Duvido,

*oh meu Descartes,
que o teu homem
possa ser e assistir
assim e por isso
somente!*

Duvido

*que duvides ainda
da dúvida
do teu homem
duvidosamente...*

COMENTÁRIO DA AUTORA

A linguagem talvez seja a mais legítima expressão da natureza humana. A sua variedade de formas e significados faz com que permita a cada ser expressar a sua compreensão do mundo. Ela é a possibilidade de todos e de cada homem em particular manifestar-se, sendo, por isso, mesmo circunstancial. A sua particularidade científica ou poética é apenas adjetiva, por isso mesmo circunstancial. Não atinge a validade de quaisquer delas como representação do conhecimento. Porque, ao privilegiarmos termos ou expressões, estamos apenas tentando por sob controle o raciocínio e os procedimentos daqueles que ainda não reconhecem essa condição ou não possuem autonomia para criar novas.

A linguagem científica é a mais fácil delas. Pois racionaliza o que é adjetivo, ou seja, aquilo que responde a extensão e apenas a extensão da intuição sensível, o que está entre o que a razão concebe e o objeto tem. É exterior, é a razão exposta à dinâmica do mundo. A linguagem poética ultrapassa no entanto as generalidades, porque requer para si o status de porta-voz das aprendizagens de cada homem em particular, naquilo que o diferencia dos demais. Distingue-se, nesse particular, da anterior. Não busca o comum de cada um, mas o especial de todos, estendendo o espaço das possibilidades de ser e conhecer.

A dúvida da dúvida responde à essa segunda condição. Expressa a reação espontânea à rigidez do método. Porque resultou da insatisfação, do entendimento de que a ciência, razão aplicada aos saberes do mundo, não responde à emergência do próprio homem, dele... Entendemos que o conjunto das particularidades é mais amplo e múltiplo do que as partes.

A reação poética se deu na culminância do estudo do método cartesiano pelo método cartesiano. A dúvida no método cartesiano mantém a investigador no processo a tal ponto que, ao atingir as idéias claras e distintas, ele se apercebe que a dúvida tanto quanto o método são vazios e esse percurso já estava assim determinado antes, durante e ou após o evento. O exercício é o contorcionismo da própria razão para pôr-se sob controle. Nesse caso e para esse caso ele é uma dúvida cartesiana. E Descartes está em dúvida, pois, ao colocar a razão e sua capacidade em destaque, maravilhou seu tempo, surpreendeu a pós-modernidade, mas, ao revela-la, encobriu outras razões... Ora, a dúvida não mantém, necessariamente, o indivíduo a caminho. Ela pode gerar a insatisfação, o desespero, porque não tem correspondência natural com as coisas e não ser mantida latente no limiar entre o ser e o ter, vez ou outra vai irromper...

Escrito na década de 80, o poema recoloca a questão da dúvida enquanto método de certeza.

Recebido para publicação em 13/06/2001

Aceito para publicação em 10/07/2001